

PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTOS EDUCATIVOS – ESCOLA E BRINQUEDOTECA

Raquel Gonçalves Salgado², Evandro Salvador Alves de Oliveira¹.

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado, de abordagem qualitativa, desenvolvida com crianças de 5 a 6 anos, em dois espaços distintos: o Laboratório de Ludicidade (Brinquedoteca) do *Campus* de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e uma escola municipal de Educação Infantil, da rede pública de Rondonópolis/MT desenvolvida em Rondonópolis/MT. A pesquisa teve como foco compreender os significados que as crianças constroem sobre os discursos da mídia e como estes se expressam em seus modos de ser, agir e se relacionar com o outro em contextos educativos. As crianças têm assumido papéis sociais a cada dia mais próximos do que poderíamos denominar de universo adulto, tomando como referência personagens que se destacam na mídia. Assumindo como pano de fundo tal problematização, esta pesquisa busca investigar as apropriações que as crianças fazem dos discursos midiáticos em suas brincadeiras e como estas emergem nos diálogos que elas estabelecem entre si e nas interações que estabelecem com os adultos. A pesquisa consistiu, ainda, em analisar as seguintes questões: os significados que as crianças atribuem aos elementos que compõem as identidades de personagens midiáticos; como esses significados aparecem nos diálogos que elas estabelecem entre si em suas culturas de pares e nas culturas lúdicas que produzem; analisar informações e textos de mídia que as crianças trazem à tona em seus discursos, presentes nas interações que ocorrem em contextos educativos, como a escola e a Brinquedoteca. A fundamentação teórica sustenta-se em quatro aportes: a teoria da enunciação de Bakhtin (1992; 1995; 1998); a sociologia da infância; o conceito de cultura lúdica em Brougère (2002; 2010); as relações entre infância, mídia e constituição identitária. A proposta metodológica, com caráter de intervenção, tem como principais recursos oficinas desenvolvidas com as crianças, entrevistas e registros por meio de diário de campo. Os discursos produzidos pelas crianças são analisados sob a ótica da teoria bakhtiana, tendo como base os conceitos de dialogismo e alteridade. Como conclusões, destaca-se, nos grupos de crianças, a emergência de significados relativos à beleza associada ao corpo magro e esbelto, ao poder aquisitivo, ao consumo, à fama, ao status e à visibilidade como atributos importantes na composição de identidades idealizadas e valoradas pelas crianças e, portanto, compreendidas por elas como litígios fundamentais para compor modos de ser. Pretende-se, com esta investigação, contribuir para as pesquisas no campo das ciências humanas e sociais, no sentido de compreender as transformações que ocorrem nas experiências lúdicas infantis, os valores e os significados que as crianças constroem em meio às referências simbólicas que circulam na cultura midiática.

Palavras-chave: Infância. Mídia. Dialogismo. Contemporaneidade.

RESEARCH WITH CHILDREN IN EDUCATIONAL CONTEXTS – SCHOOL AND PLAYROOM

ABSTRACT

This work is the result of a research of master's degree, with a qualitative approach, developed with children from 5 to 6 years in two distinct spaces: the Playfulness Laboratory (Playroom) in Campus of Rondonópolis of the Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) and in a municipal public school for early childhood education of Rondonópolis/MT developed in Rondonópolis/MT. The research focused on understanding the meanings built by children about the media discourses and how they are expressed in their ways of being, act and relate to one another in educational contexts. Children have assumed social roles every day closer to the adult universe, taking the highlighted media characters as role models. By assuming this problem as a background, this research investigates the appropriations that children make of media discourses in their pranks and how they emerge in their dialogues among themselves and in the interactions that they establish with adults. The survey also consisted of analyzing the following issues: the meanings that children attribute to the elements that compose the identities of media characters; the way these meanings

appear in the dialogues that they establish among themselves in their pairs cultures and in their ludic cultures; information and media texts that children imply in their speeches identified in interactions that occur in educational settings such as school and the playroom. The theoretical foundation is based in four contributions: Bakhtin's (1992, 1995, 1998) theory of enunciation; the childhood sociology; Brougère's (2002, 2010) concept of ludic culture; the relations between children, media and identity construction. The methodology proposed, as a matter of intervention, has as its main features developed workshops with children, interviews and other records through a research diary. The speeches made by the children are analysed from the perspective of Bakhtin's theory, based on dialogism and otherness concepts. As conclusions stand out in groups of children the emergence of meanings related to beauty associated with thin and slender body, to the purchasing power, and also to the consumption, fame, status and visibility as important attributes in the composition of idealized identities and valued by children and, therefore, understood by them as fundamental to compose the ways of being. With this research is intended to contribute to researches in humanities and social sciences areas, in order to understand the changes that occur in children's leisure experiences, the values and meanings that children make in the contact with symbolic references that circulate in media culture.

Keywords: Childhood. Media. Dialogism. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

As crianças, artífices da sociedade contemporânea, estão no mundo. Elas habitam e se relacionam com esse universo conectado entre jovens, adultos e velhos, onde todos convivem. A infância, em conexão com esses tempos de vida distintos, encontra-se em constantes sinapses com a cultura, marcada, notadamente, pela presença das mídias. Distorcer as imagens que simbolizam uma criança ingênua, pura e inocente é o que elas fazem constantemente, desafiando a família, professores e sociedade, de modo geral, a compreender como essas modificações acontecem.

Este artigo é apresentado, portanto, como uma síntese da pesquisa de mestrado em Educação, em que buscamos apresentar algumas questões do universo infantil emergentes em contextos educativos, e problematizar tais questões a partir das relações que as crianças estabelecem em suas interações com a mídia. Vários temas – novelas, filmes, futebol, beijo, desenho, dinheiro, fama –, que envolvem as relações das crianças com a cultura midiática nos instigam e provocam de tal modo, ao ponto de sermos convidados, constantemente, a adentrar-nos nesse campo de conhecimento que é a infância contemporânea.

Contudo, a construção da ideia da pesquisa começou quando as crianças trouxeram à tona algo inusitado, em seus modos de ser e de se apresentarem, como o topete de Neymar, o moicano famoso do jogador de futebol de grande sucesso no clube do Santos durante alguns anos no Brasil. Por ser um jogador habilidoso, sobretudo midiático, Neymar conquistou muitas pessoas, amantes do futebol, inclusive as crianças, as quais se espelham no seu perfil.

A observação de tais fenômenos foi possível em razão das aulas de recreação e iniciação esportiva em que o pesquisador atua na Unidade do Serviço Social do Comércio (SESC), em Rondonópolis, como professor de Educação Física. Os meninos participavam das aulas e se caracterizavam como Neymar, arrumavam o cabelo montando o topete, tal como o jogador.

Tomados por tais cenas, apresentamos como questão compreender a infância que cresce e brinca na era das mídias e das tecnologias e, assim, contribuir no sentido de problematizar e provocar mudanças nos modos como os adultos (pais, amigos e professores) se relacionam com essas transformações da infância. O viés principal é destacar que não basta simplesmente desligar os aparelhos de televisão e os computadores, e sim criar artifícios para educar utilizando também esses meios e informações, pois as crianças, como produtoras de cultura, já se apropriam dessas linguagens para se relacionar com o mundo e produzir conhecimentos.

Algo que nos chama muito a atenção é o fato de perceber como alguns temas/valores relativos a dinheiro, beleza, fama, estética e visibilidade são questões que estão presentes em nossas vidas de adultos, mas que ainda não conseguimos – ou não admitimos – perceber como processos que aparecem entre as crianças nas suas formas de verem a si próprias e o outro. Elas trazem isso à tona, o tempo todo, como valores que estão presentes nas suas vidas e concepções, uma vez que o adulto, a família e o professor, ainda, estão longe de compreender tais fenômenos como aspectos próprios da infância, sobretudo como as crianças se apropriam dessas significações.

Alguns autores também estudam a infância e suas relações com a mídia, bem como os conteúdos das brincadeiras que remetem aos personagens midiáticos que se tornam referências para as crianças – Souza; Salgado (2009); Sarmiento; Gouvea (2009); Buckingham (2007); Belloni (2009); Salgado (2005); Pereira (2012); Brougère (2002, 2010). Este artigo, portanto, trata de apresentar alguns estudos que buscam aprofundamento

nos conhecimentos a respeito dos significados e valores presentes nos diálogos das crianças com os discursos midiáticos, estabelecidos nas interações entre elas e com os adultos, em contextos educativos, assim como a produção de suas culturas lúdicas.

Como este trabalho é apenas um recorte – da infinidade de questões que podem ser investigadas no campo da infância –, o objetivo principal que norteia o processo teórico-metodológico consiste em compreender os significados que as crianças constroem sobre os discursos da mídia e como estes se expressam em seus modos de ser, agir e se relacionar com o outro em contextos educativos, como a escola e a Brinquedoteca.

Ao analisar os modos como as crianças constroem suas brincadeiras e estabelecem diálogos entre si, é possível perceber por meio da observação participante, uma das estratégias metodológicas da pesquisa, alguns fenômenos que marcam suas experiências, sobretudo porque investigar as crianças em seus grupos, nos momentos em que elas brincam, permite vivenciar uma relação dialógica e alteritária.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA: DIALOGISMO E ALTERIDADE COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A grandeza dos diálogos infantis, marcados por frequentes encontros e conflitos, é o que caracteriza as principais questões que mobilizam a construção deste artigo. Desde então, cabe ressaltar dois pontos importantes que assumo aqui a partir do pressuposto metodológico: a pesquisa se torna um lugar propício de mediação para as relações pedagógicas entre professora/pesquisador e crianças; e a docência se torna um espaço possível de mediação para a pesquisa.

Para compor o cenário da pesquisa de campo, dois *loci* de investigação são utilizados: a Brinquedoteca da UFMT e a escola municipal de Educação Infantil Mateus Vinícius Braz. Contudo, a turma de crianças que participa da Brinquedoteca é a mesma da escola citada, localizada no Bairro Jardim Brasília, no município de Rondonópolis/MT. No decorrer do texto, as crianças são identificadas por personagens (pseudônimos) escolhidas por elas no processo de pesquisa.

Os conceitos de dialogismo e alteridade que os destaco aqui como referenciais de análise na pesquisa, como são compreendidos e definidos por Bakhtin (1992; 1998), são as bases fundamentais que sustentam a metodologia desta pesquisa, que tem como foco de investigação as crianças, assim como os discursos produzidos a partir da relação com o outro – adulto ou outra criança.

Analisar as vozes e os discursos das crianças a partir dos conceitos de dialogismo e alteridade, conceituados por Bakhtin (1992; 1998), significa compreender as narrativas, interpretá-las e ver a partir daquilo que o outro revela, “como eu vejo o outro” (alteridade). Nessa perspectiva, a compreensão estabelecida é dialógica, isto é, o tempo da compreensão é também marcado por um tempo de tensões e conflitos. Os discursos da criança são dialógicos, uma vez que as vozes ecoam e, assim, é possível analisar aquelas que mais ressoam. De tal modo, o dialogismo e a alteridade são aspectos e dimensões de um mesmo processo.

Sobre a questão da alteridade, destacamos um ponto em que a professora das crianças aceita receber um hóspede (Hóspede é um termo utilizado por Marília Amorim (2001)) em sua classe, o pesquisador. Esse hóspede chega e começa a compartilhar do mesmo espaço que a educadora, fazendo do estranhamento condição para o processo de investigação. Conforme Amorim (2001, p. 26) argumenta, “para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente”.

Assim, depois de ocupar uma posição de pesquisador/hóspede, no decorrer do processo de investigação, de repente nos vemos como anfitrião no mesmo território em que se encontra a professora e as crianças, pois começo a participar, junto à ela, das atividades desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. Dessa maneira, o sujeito tido como hóspede, que, a princípio, representava um elemento a mais naquele contexto educativo, tornou-se um aliado em sala de aula. Eu passo a convidar a professora, constantemente, a refletir e indagar sobre alguns temas pertinentes aos assuntos “polêmicos” de interesse das crianças.

Nessa janela, a partir de um olhar peculiar de pesquisadores, temos nos deparado com situações no contexto escolar, como: as crianças falam coisas que não costumam dialogar com suas famílias; alguns assuntos eu não sabia se podia falar ou não na escola, geralmente, relacionados à cultura midiática da atualidade, como, por exemplo, algumas músicas de funk.

Um dos eixos fundamentais de nossas análises são os discursos das crianças nos quais ressoam a palavra do outro. As crianças, nas interações estabelecidas com as personagens da mídia, expressam, ao brincar, palavras que desembocam numa relação dialógica e alteritária, advindas da relação que nasce com o outro.

Sereia: Quando eu crescer, eu vou ser polícia.

Aranha de fogo: Eu vou ser detetive.

Leão de fogo: Eu vou ser bombeiro. Não, eu vou ser Papai Noel.

Evandro: Por quê? O que ele faz?

Leão de fogo: Dá presente.

Sereia completou: Dá balinha também, né!

Moranginho: Eu vou ser veterinária, de cachorro, e médica, de gente.

Evandro: Que legal!

O diálogo surgiu na mesa durante o lanche na escola. As crianças conversavam sobre o que seriam no futuro, numa envolvente relação dialógica em que o tema da vez era escolher uma profissão legal e importante como garantia de vida no futuro. Como Bakhtin discorre, são discursos nos quais a palavra do outro se faz presente, marcados pelas relações que nascem a partir da interação social.

No diálogo com as crianças, é possível perceber que as entoações são expressas conforme o que vivem em seus contextos diversos e cotidianos. Na fala corrente, a entoação é um dos recursos que o sujeito utiliza e, certamente, possibilita a ironia, a admiração e a indignação, como Brait (1994) ressalta. No diálogo com Aranha de fogo são perceptíveis em seus discursos as entoações expressas a partir do que a criança vive nas diversas situações de sua vida, atreladas aos conteúdos que advêm da cultura midiática:

Aranha de fogo: Tinha uma cobra, que ela tava passando na água, e depois, comeu um peixe [disse usando um tom assustador], e depois um jacaré chegou, o jacaré do terror, e depois ele foi passando...

Evandro: Onde o jacaré do terror foi passando?

Aranha de fogo: É, e tinha uma cobra do terror que não era do deserto, daí, comeu [com muita ênfase] uma pessoa de fazendeira.

Evandro: Comeu uma pessoa?

Aranha de fogo: Da fazenda.

Evandro: Ah, da fazenda?

Aranha de fogo: É, depois, ia matar uma pessoa de cachorro. E depois...

Evandro: Ia matar uma pessoa? E aí?

Aranha de fogo: E daí, o fazendeiro matou o cachorro também. E aí o cachorro... apareceu um super-herói.

Evandro: Um super-herói?

Aranha de fogo: É.

Evandro: E a cobra?

Aranha de fogo: E a cobra virou o jacaré. Depois todas as pessoas transformou em um negócio.

Evandro: E o super-herói? Qual apareceu?

Aranha de fogo: O nome dele era Ben 10. Gigante [mostrando com as mãos a imensidão do tamanho do personagem].

Na pesquisa com crianças, o dialogismo e alteridade assumem importância, tendo em vista a criança como um sujeito que fala. Nessa perspectiva, Brait (1994) aponta que, para Bakhtin, tudo que é dito, tudo que é expresso por um sujeito que fala, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala.

A criança, enquanto sujeito que se posiciona, pensa e produz cultura, compõe sua própria história como autor. Nesse sentido, "ser sujeito é ter o direito de se colocar como autor das transformações sociais" (SOUZA, 1994, p. 21). Assim, a linguagem é o que caracteriza e marca o sujeito, o que reflete nas Ciências Humanas como fenômeno que constitui o sujeito e sua própria realidade, pois é na linguagem que a leitura da vida é construída, assim como nossa própria história.

Na pesquisa de campo, é possível compreender, assim, que os discursos da mídia permitem que as crianças construam significados sobre o que veem, escutam e vivenciam em suas rodas de conversas, nos jogos e nas brincadeiras que realizam. Esses discursos midiáticos se corporificam em suas práticas e em seus modos de ser. A criança busca adentrar no mundo adulto e das coisas que lhes proporcionam estabelecer uma interlocução com as redes contemporâneas, presentes no universo tecnológico e midiático das novas gerações.

OS PRINCIPAIS EPISÓDIOS E OFICINAS LÚDICAS COM AS CRIANÇAS

As oficinas e os episódios aconteceram em momentos e contextos bem dinâmicos, tanto na Brinquedoteca da Universidade quanto na escola. As ações foram provocadas utilizando as questões trazidas pelas próprias crianças, por meio da relação dialógica estabelecida com o pesquisador e a professora da turma.

Os “episódios” mencionados e descritos são fatos que aconteceram no decorrer da pesquisa de campo. São momentos identificados como instigantes e propícios a serem explorados e aprofundados. Já as “oficinas” desenvolvidas ocorreram propositalmente com a intenção de problematizar, junto às crianças, o que pensam e como significam modos de ser presentes na mídia por meio de suas brincadeiras, seus modos de expressar, escolher figuras de revistas, dialogar e questionar.

Na “Oficina da surpresa: a escolha dos pseudônimos pelas crianças”, obtive informações referentes à seleção (pelas crianças) dos nomes fictícios utilizados para identificá-las no processo de investigação - por que elas escolheram aquele personagem? A “surpresa” na oficina consistia em retirar da caixa a imagem de alguma figura dramática escolhida por elas, que deveria, imediatamente, ser identificada pelas crianças da pesquisa num contexto lúdico.

Já na oficina “Ela não anda, ela desfila, ela é top, capa de revista: o que significa ser top”, as crianças disseram o que compreendem sobre os trechos do refrão da música, cantada por Mc Bola. O diálogo construído manifesta como elas criam normas e estabelecem padrões nos modos de ser.

No episódio “Internet dos famosos: eu sou famosa” - a fama como valor cobiçado, as meninas elucidam a arte de ser famoso/a por intermédio da mídia, seus discursos revelam parâmetros definidos para fazer parte do grupo de famosos, além de destacar o Facebook como rede social que possibilita ter visibilidade e obter fama.

No episódio do “Sonho: discursos midiáticos presentes nas façanhas das crianças”, é possível analisar como a criança constrói os enredos que compõem suas identidades entre a ficção e o real. Seus discursos são carregados de enunciados que vêm da mídia.

A última intervenção foi a oficina “Um trabalho, minha identidade: as crianças, no recorte e cole, compondo o mosaico de suas identidades” e refere-se a uma atividade com recortes e colagens em que as crianças escolhem nas revistas e panfletos de propaganda imagens que representam suas identidades. Após fixar essas imagens no papel, é realizado um jogo de perguntas e respostas a fim de compreender o que pensam sobre o trabalho produzido. Além disso, as crianças falam sobre as imagens que as representam na ocasião dessa oficina.

Os estudos da infância são uma das bases de nossas discussões. Sarmento (2009) afirma que estudos mais atuais, do ponto de vista histórico, coloca a infância no centro das reflexões dos estudos das Ciências Sociais, reconhecendo-a como ator na vida social. É nesta perspectiva que é abordado, logo adiante, alguns elementos que nos permitem compreender as configurações da infância no mundo contemporâneo a partir do que as crianças falam, de como agem em relação com as outras e dos significados que produzem.

A seguir, alguns fragmentos de excertos de duas oficinas são apresentados de modo a permitir construir reflexões sobre os fenômenos que surgem por meio dos diálogos instaurados.

OS DIÁLOGOS DAS CRIANÇAS COM OS SIGNOS DA MÍDIA EM CONTEXTOS EDUCATIVOS

Na “oficina da surpresa: a escolha dos pseudônimos pelas crianças”, a intervenção é denominada como “Oficina da surpresa” em razão do suspense criado ao desenvolvê-la. Com a ajuda da professora, chegamos à classe com uma caixa de papelão grande, embrulhada com papel de presente. No interior da caixa, estavam as 16 (dezesseis) imagens, referentes a cada pseudônimo das crianças. A surpresa consiste, como já mencionado, em retirar da caixa, de modo bem lúdico e extrovertido, uma figura por vez com a imagem colorida – impressa em papel A4 –, e as crianças deveriam identificar imediatamente o/a personagem.

Logo, após o reconhecimento da figura e muitas gargalhadas das crianças, o sujeito que se identificava com a pessoa da figura recebia o papel e nos explicava o motivo que o levou a escolher tal personagem. É notório que a mídia e as personagens foram algo presumido entre nós (pesquisador e crianças). Por um lado, temos um território em comum criado pela conveniente estratégia de inserção no campo, com a presença de um pesquisador que incorpora personagens ao brincar com as crianças, assumindo papel de professor que brinca e vive o mundo delas a convite dos próprios sujeitos. Por outro, o fato de se renomearem como personagens, sobretudo da mídia, faz com o que o trabalho obtenha maior ligação com a proposta a ser discutida e explorada aos nossos olhos.

Evandro: Diz aí, por que você escolheu a Moranguinho?

Moranguinho: Porque eu tenho a blusa dela, tenho um vestido dela roxo, tenho a blusa de frio, uma mochila e uma blusinha.

Evandro: Você acha que é parecida com ela?

Moranguinho: Eu sou igual a ela, eu gosto de ser. Minha mãe falou pra mim que ia comprar pra mim uma blusa dela, uma bolsa, um caderno, um montão de coisas só dela. **Evandro:** O que mais você queria ter da Moranguinho? Ou queria fazer como ela...

Moranguinho: Um capacete, só que eu não tenho moto. Eu gosto de ser ela, sempre eu gosto dela, eu já assisti o filme dela. Eu tenho um montão de roupa dela.

Vale destacar o discurso da menina Moranguinho, esta que afirma: “eu gosto de ser”. A criança ilustra que possuiu a blusa, o vestido, a blusa de frio, a mochila e uma blusinha da Moranguinho. Nesse caso, fica evidente que a mãe da menina contribui para que ela seja convidada a adentrar-se no mundo de consumo, pois o fato de possuir vários objetos, compreendidos por nós como elementos lançados e advindos da mídia, reforça a ideia de que a criança, cada vez mais, adquira novos artefatos da personagem, como o caso do capacete. Moranguinho diz que gostaria de ter um, mesmo não tendo moto para andar. O fato, ainda, de dizer, “eu gosto de ser ela [...] eu tenho um monte de roupa dela” nos permite analisar como a criança está inserida num contexto atravessado pelas novas tecnologias e propagandas da cultura midiática, capazes de penetrar às gerações, agindo nas relações entre adultos e crianças.

Além disso, Moranguinho traz elementos em seu discurso, principalmente quando afirma: “eu sou igual a ela”, estes que se aproximam, e muito, das reflexões de Salgado (2005). Nessa perspectiva, destaca a autora, o processo da constituição identitária da criança é caracterizado pelo artifício em que ela se baseia nas atitudes e comportamentos do outro, ou simplesmente se esforça para ser semelhante ou idêntico ao outro. Isto não implica na ideia de identidade enquanto estrutura inerte, permanente ou duradoura, mas sim de uma identidade que se molda a partir da relação com o outro e que está em constante devir.

Já na oficina “Ela não anda, ela desfila, ela é top, capa de revista”: o que significa “ser top”, destaco a música como um veículo que se faz presente na educação e na vida das crianças. Esta oficina aconteceu a partir da música “Ela é top”, de Mc Bola, que as crianças trouxeram para a sala de aula por meio de suas brincadeiras.

O objetivo dessa oficina consistiu em analisar como as crianças compreendem questões relativas ao fato de ser “top”, de estar na capa da revista, o que significa ser “mais mais”, arrasar no look, tirar foto no espelho e, por fim, postar fotos no Facebook – trechos existentes na letra do refrão da música.

A relação entre pesquisador e as crianças se dá de tal modo que elas não se limitam em dizer as coisas. Elas falam, respondem as perguntas, fazem vários questionamentos, conversam entre si e compartilham ideias e informações sem empecilhos. Sereia e Florzinha, por exemplo, foram as meninas que introduziram a música em questão em nossas discussões, mas todas as crianças da turma demonstram conhecimentos sobre seu conteúdo. A seguir, apresento o refrão da letra da música “Ela é top”.

Ela não anda, ela desfila
Ela é top, capa de revista
É a mais mais, ela arrasa no look
Tira foto no espelho pra postar no Facebook

A música completa, mais especificamente seu refrão, nos convida a analisar como as crianças decidem compartilhar referências culturais não autorizadas pela família, porém, valorizadas pelo grupo de crianças na escola. Essas referências culturais, ora são mantidas em sigilo pelas meninas quando estão em casa na presença da família (pois não possuem TV em casa – família evangélica), ora são exibidas e compartilhadas na relação entre os pares, quando na escola ou em outros espaços, sem o domínio dos pais. Questões como esta, quando o “proibido” emerge na escola, nos impulsiona a refletir com alguns questionamentos: O que a escola faz com isto? O que a escola suscita ou representa para fazer emergir esse “proibido”?

Com esta oficina, compreendemos que os textos de mídia estão presentes nos discursos das crianças, de modo a permear seus diálogos no sentido de transformar as experiências na infância. Os significados que elas atribuem e a emergência de valores relativos à beleza – como o corpo bonito e esbelto –, fama, visibilidade, poder aquisitivo, preferências, entre outros, têm se apresentado com muita expressão no jogo de perguntas e respostas entre as crianças e nós, adultos – pesquisador e professora.

Ficamos curiosos para saber o que elas diriam ao serem questionadas sobre o significado da expressão “mais mais”.

Evandro: Mas o quê que é esse “mais mais”? É mais o quê? Quando fala assim: “ela é mais mais”, o que poderia ser?

Crianças: As crianças pensam...

Evandro: Pode ser mais gorda?

Crianças: Nãoooooo (em coro elas responderam e riram)

Evandro: Mais magra pode?

Crianças: Poode.

Evandro: Por que não pode mais gorda?

Crianças: Porque é igual a minha mãe.

Professora Mair: Uai, por que é mais gorda não pode ser top?!

Crianças: Nãooooo...

Professora Mair: Me fala uma coisa, gorda não pode ser top? Por quê?

Crianças: Não pode. Porque senão o vestidinho curto não serve.

Evandro: Ah tá! Tem que ser magra, então! Magra pode?

Crianças: Sim. Magra pode!

Evandro: Tem que ser mais o quê?

Crianças: Tem que ser mais top, tem que ser mais....tem que ser top.

As crianças entraram numa discussão de que para ser top tinha que tirar foto no espelho.

Ao criar parâmetros de como devem ser para se constituírem como “top”, as crianças apresentam em seus discursos uma normatividade nos modos de ser. Não poder ser gorda e ter que ser magra caracterizam referências de beleza e status. A busca pelo corpo bonito, esbelto e magro é algo que já está presente na vida das crianças, perseguido por elas desde cedo. O fato de tirar foto no espelho reforça, mais uma vez, a questão da visibilidade. Usar o espelho e ver a si mesmo, fazer pose e ficar belo. Tirar foto e ficar belo para ser vista. São atributos que as crianças internalizam a partir da presença da cultura midiática, nesse caso, com a música, em sua cultura ampla.

CONSIDERAÇÕES

Conceber a criança enquanto sujeito que fala e, conseqüentemente, produz conhecimento é reconhecê-la como responsável pela tessitura que a constitui. Essa configuração se dá no sentido de valorizar a sua voz no diálogo com o outro (até mesmo com o adulto) e, especialmente, quando elas dialogam com os signos da mídia, mais especificamente com as personagens dessa cultura, com as quais meninos e meninas interagem, construindo, assim, novos modos de ser, agir, pensar, brincar, olhar o mundo e se posicionar nele.

Os mais recentes estudos da infância consideram a criança como ator na vida social e a infância como uma categoria ativa e permanente na sociedade. Nesse universo multifacético habitado por homens da sociedade pós-moderna, nos relacionamos com sujeitos que se situam, intervêm no mundo, rompem com fronteiras que antes representavam um fosso entre o universo adulto e infantil. Meninos e meninas, que se apropriam dos discursos midiáticos e compõem histórias, constroem valores, significam, resignificam e constituem suas identidades na sociedade contemporânea, marcada, visivelmente, pelas novas tecnologias e por produtos e objetos típicos com que nos deparamos no decorrer dos dias e nas cenas da vida pós-moderna.

Depois de acompanhar as crianças, *in loco*, em espaços como a escola e a Brinquedoteca, é possível compreender que os textos de mídia estão presentes em seus discursos, de modo a permear seus diálogos, suas brincadeiras e seus modos de ser. São visíveis, principalmente nos momentos em que afirmam ser a modelo, a mulher famosa e rica, o jogador de futebol que ganha muito dinheiro, o homem invisível ou o personagem dotado de poderes.

Os discursos se materializam no processo de construção de significados e valores, que se faz presente no jogo de perguntas e respostas, estabelecido entre crianças e adultos – pesquisador e professora. Refiro-me a valores relativos à beleza, fama, visibilidade, poder aquisitivo, preferências, entre outros. São significados presentes na vida das crianças desde muito cedo, perseguidos e idealizados por elas, impulsionadas pela ótica do poder, do status, da visão do outro. Elas atribuem significações nos modos como constituem as identidades que assumem. Estas se baseiam nas personagens que se destacam na mídia contemporânea ao tê-las como referências. Isto aparece nas músicas que trazem à tona, nos enredos que configuram suas brincadeiras e nos “sonhos” e histórias que descrevem como legítimos de sua cultura e de seus próprios tempos de vida.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo, SP: Musa, 2001.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, SP: Hucitec, 1995, p. 31-38.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo, SP: Editora UNESP/Hucitec, 1998.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo, SP: Edusp, 1994, p. 11-27.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010. (Coleções questões da nossa época; v. 20).
- BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007.
- SOUZA, S.J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- SOUZA, S.J.; SALGADO, R.G. A criança na idade mídia: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: SARMENTO, M.J.; GOUVEA, M.C.S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 207-221.
- PEREIRA, R. M. R. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, R. M. R.; MACEDO, N. M. R. (orgs.). **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro, RJ: Nau, 2012.
- SALGADO, R. G. **Ser criança e herói no jogo e na vida: A infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados**. Tese de doutorado – Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2005.
- SARMENTO, M. Sociologia da infância. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 207-221.
- SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

¹ Sesc Rondonópolis. Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT *Campus Rondonópolis*.
Universidade do Minho – Portugal.

² PUC/Rio. Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT.

UFMT - Campus Universitário de Rondonópolis
Rodovia Rondonópolis-Guiratinga, KM 06 (MT-270)
Rondonópolis/MT
78735-910